

MUSSUCA, UM TOPÔNIMO SERGIPANO DE ORIGEM AFRICANA

Francisco José Alves*

A toponímia brasileira é, como outros setores da nossa cultura, mestiça. Nela se manifesta o conjunto das influências étnicas recebidas pela língua portuguesa falada no Brasil ao longo da história. Assim sendo, os nomes de lugares evidenciam a influência das línguas indígenas (sobretudo do tupi colonial) bem como, em menor escala, das línguas faladas pelos escravos africanos trazidos para cá entre os séculos 16 e 19. Os topônimos de origem tupi têm sido catalogados e explicados desde o século 19. Dentre os estudos sobre o assunto destaca-se a obra de Teodoro Sampaio (1885-1937), o **Tupi na Geografia Nacional** publicado inicialmente em 1901.

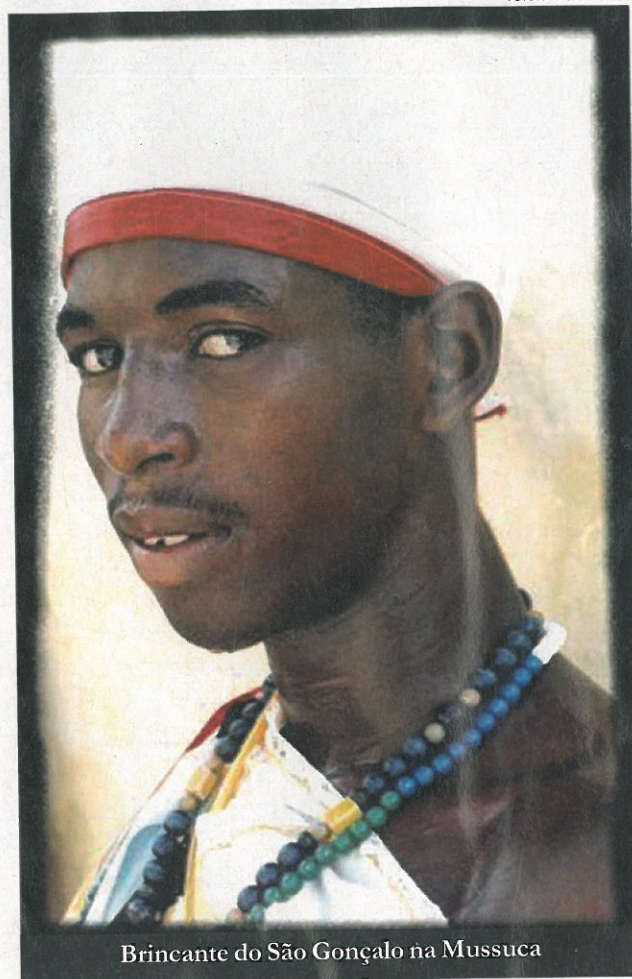
Quanto à contribuição das línguas africanas ao português no Brasil, há o estudo pioneiro de Renato Mendonça (1912-1990), **A Influência Africana no Português do Brasil** editado em 1933. Trabalho recente orça em trezentas “o número de palavras africanas que foram incorporadas no léxico do português do Brasil”.¹

Da contribuição das línguas africanas à toponímia brasileira fala Mário Marroquim (1896/1975) em estudo de 1933. No entender do estudioso, nomes de lugares como Macaco, Cacimba, Cabaço, Bangüê, Cachimbo, Quilombo, Mulungu, Moleque, Mucambo, Bugiganga, Caxambu, Giló, Marimbundo e Quibabos, dentre outros, são procedentes de línguas africanas faladas pelos escravos trazidos ao Brasil. Este mesmo autor lista cerca de cento e vinte vocábulos oriundos do continente africano e correntes no português do Brasil falado no nordeste.² É assente, deste modo, a influência das línguas africanas sobre na nomenclatura geográfica do Brasil.

Em Sergipe – até onde sei – nada foi feito no sentido de levantar e analisar a influência dessas línguas africanas (banto ou sudanesa) no falar local. Noutra ocasião, esbocei uma análise de dois nomes de assente origem africana na toponímia de Sergipe: quilombo e mocambo.

Vejamos um outro topônimo sergipano de origem africana: Mussuca. Mussuca, em Sergipe, é um povoado do município de Laranjeiras, na região do Cotinguiba, tradicional zona canavieira do estado. A população atual da localidade é de cerca de dois mil habitantes e, em sua maioria, é formada de afros descendentes. Examinemos o termo que batiza o povoado. Em primeiro lugar, Mussuca, no feminino, não é consignado em três dicionários correntes da língua portuguesa. Falo do Aurélio, do Michaelis e do Houaiss. Nenhum destes três registra o topônimo sergipano. Todavia, nestas obras comparece o vocábulo “mussuco” e a variante gráfica “muçoco”.

O enciclopédico **Houaiss** traz o termo “mussuco”. Conforme ele, o vocábulo vem do quicongo munsuku (quicongo é uma língua banta



Brincante do São Gonçalo na Mussuca

falada atualmente em Angola e Moçambique). A palavra, ainda segundo a obra, possui dois significados distintos em Moçambique e em Angola. No primeiro país, **munsuku** (mussoco) denomina o **tributo** pago pelos colonos nativos por cada palhoça. Já em Angola, **munsuku** nomeia o **aldeamento** nativo.³ Os dois termos, como se vê, estão no mesmo campo semântico. **Munsuku** é o aldeamento ou o tributo pago pelo aldeamento concretizado nas palhoças.

O dicionário *Aurélio* dá-nos informação similar ao *Houaiss*. A obra documenta o étimo **mussoco** e esclarece que, em Moçambique, na época do colonialismo português, o termo designava um imposto de capitação pago pelos colonos ao Governo Português. O dicionarista traz uma abonação esclarecedora do significado do termo enquanto **tributo**: “vens pelo mussoco, não é? A (...) gente não paga mussoco ao Rei de Portugal”.⁴

Minha hipótese é que a Mussuca sergipana nada mais do que uma corruptela do quicongo **munsuku**, dicionarizado no Brasil como mussoco ou muçuco. Na passagem do termo africano ao português do Brasil, houve duas modificações (no dizer dos especialistas, dois metaplasmos). Em primeiro lugar, houve a supressão da consonantal /n/. Em segundo lugar, o fonema final /u/ foi trocado pela vogal /a/ como marcação do gênero feminino. Esta seria, em síntese, a evolução fonética do vocábulo em sua viagem da África (Angola e Moçambique) para o Brasil.

Já os significados do termo (tributo ou aldeamento) talvez nos ajudem a especular sobre a origem – até agora inexplicada – do povoado laranjeirense. Se considerarmos mussuca como “tributo” é possível indagar se o povoado teria tido origem na tributação que os do local (escravos libertos?) deviam pagar aos seus antigos senhores. Como é sabido, muitas vezes a alforria estava condicionada a alguns serviços ou favores do antigo escravo para com

o seu senhor. Neste sentido, o nome do local seria um indício deste trato originário entre os negros e seus antigos donos. Por sua vez, se o significado original for aldeamento, isso atesta talvez o fato de terem sido os denominadores da localidade. ■

NOTAS:

1 - CASTILHO, Ataliba T. de. O Português do Brasil. IN: ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1987. p. 235-240.

2 - MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste*. 3 ed. Curitiba: HD Livros, 1996. p. 120-121.

3 - HOUAISS, Antonio e outros. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1986.

4 - RÉCIO, Manuel. *Homens do Mato*. Lisboa: Edição do Autor, 1952. p. 149. apud: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Século 21*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 1385.

* *Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe, e chefe do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.*

E-mail: fjalves@infonet.com.br